

Seção Pensamentos e Idéias

A COMPREENSÃO DE FREUD SOBRE A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO⁵⁶

THE UNDERSTANDING OF FREUD ON THE ORIGIN OF CIVILIZATION

José Gllauco Smith Avelino de Lima⁵⁷

RESUMO

Este trabalho apresenta os contornos gerais do pensamento de Sigmund Freud (1859-1939) em torno da discussão sobre a origem da civilização e, por conseguinte, da emergência da cultura. Busca também pontuar a relevância de suas reflexões para o arcabouço epistemológico das Ciências Sociais, compreendendo a sua teoria como um sistema de ideias transdisciplinar, capaz de iluminar problemáticas presentes em várias áreas do conhecimento. O referido estudo está ancorado em reflexões bibliográficas, das quais merecem destaque as obras de Freud (1996; 1997), de Marcuse (1999) e de Mezan (2006). Pontua como considerações gerais a pertinente análise freudiana não dissociativa da relação indivíduo/sociedade, bem como a atualidade de seus estudos na compreensão de situações contemporâneas.

Palavras-chave: Freud; Civilização; Cultura; Indivíduo; Sociedade

1 INTRODUÇÃO

Sigmund Freud (1856-1939) foi um pensador que marcou profundamente o arcabouço epistêmico da modernidade. Suas ideias contribuíram para redimensionar os estudos sobre a mente humana, bem como possibilitaram uma nova compreensão do processo civilizatório. Tais ideias causaram fortes polêmicas, abalando intensamente a “consciência coletiva” de sua época, o

⁵⁶ Trabalho apresentado à disciplina Teorias Sociais Clássicas, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Dr. José Willington Germano.

⁵⁷ Estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). gllauco_ufrn@yahoo.com.br

que dificultou não somente a compreensão de seu pensamento, mas, sobretudo, a aceitação de suas teorias no âmbito científico. Viveu, assim, numa época conservadora, na qual os seus escritos foram considerados como afronta aos valores morais e culturais dominantes de sua sociedade.

Possuía uma formação humanista muito ampla, cuja produção intelectual esteve permeada por sua crença inabalável na ciência, entendida como um dos elementos civilizatórios capaz de garantir tanto o bem-estar dos indivíduos, quanto a proteção da sociedade face aos impulsos destrutivos inerentes aos seres humanos, os quais, para ele, poderiam ser minimizados pelo avanço científico. Essa formação omnilateral possibilitou a Freud a construção de um sistema teórico consistente, possibilitador de reflexões sobre a condição humana, seja em seu aspecto individual, seja em seu aspecto social.

Diante disto, este trabalho se propõe a refletir sobre a compreensão de Freud no tocante à origem da civilização, elegendo como eixo articulador da análise os seus estudos acerca da cultura e, por conseguinte, da sociedade. Em linhas gerais, as considerações que se seguem buscam apresentar a relevância do pensamento freudiano para o campo epistemológico das Ciências Sociais, entendendo as teorias, por ele desenvolvidas, como um sistema de ideias de carácter transdisciplinar, tendo em vista a possibilidade que este pensador ofereceu – e continua a oferecer, através de seus intérpretes – para o entendimento de problemáticas situadas nas mais variadas áreas do conhecimento. Exemplo disso são as suas contribuições aos estudos da cultura, das relações sociais, da religião, da educação e, principalmente, da psicologia e da psiquiatria.

A fundamentação das reflexões aqui expostas se baseiam nos seguintes livros de Freud: “Totem e Tabu” (1913); “O futuro de uma ilusão” (1927) e “O mal-estar na civilização” (1930), nas quais se buscou apreender a percepção do autor acerca da cultura e das relações sociais com vistas à exposição de seu modo de perceber a origem da cultura e o processo civilizatório. Ressalta-se que o diálogo com alguns dos interlocutores de seu pensamento foi de fundamental importância neste processo, dentre os quais se destacam os estudos de Marcuse (1999) e Mezan (2006).

2 EROS E THÂNATOS: A DIALÉTICA DA VIDA EM FREUD E A SUA COMPREENSÃO SOBRE A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO⁵⁸

[...] os instintos têm de ser desviados de seus objetivos, inibidos em seus anseios. A civilização começa quando o objetivo primário – isto é, a satisfação integral das necessidades – é abandonado.

(Herbet Marcuse, *Eros e Civilização*, 1999, p. 33)

Na obra marxiana, a história dos homens é a história da luta de classes, do conflito entre o proprietário dos meios de produção e o proletário que somente possui sua força de trabalho para vender. O motor da história, nesse sentido, reside nesta conflituosidade que dinamiza a vida em sociedade. Na de Freud, por outro lado, a luta de classes repousa antes na luta primeira da civilização contra a estrutura pulsional do ser humano. Assim, a história dos homens, para Freud, não é em primeiro plano a história da luta de classes no sentido marxiano, (embora Freud nunca tenha negado a existência de estratos sociais antagônicos) mas, a história da luta entre a cultura e as pulsões mais animais dos indivíduos ou, em outras palavras, a história humana é a história de sua repressão.

No entanto, apesar de divergirem em pontos fundamentais de suas interpretações sobre a história das sociedades humanas, Marx e Freud convergem em um aspecto principal, qual seja: o de adotarem uma visão dialética da história, uma história encarada como processo. Em Marx, a dialética entre a classe explorada e a classe exploradora; em Freud, a dialética entre *Eros e Thánatos*, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, entre a civilização e a animalidade humana. É a esta segunda perspectiva que se centrará a atenção neste estudo, buscando compreender a percepção freudiana sobre a origem da sociedade e sua luta contra a intrínseca destrutividade do homem.

Na análise freudiana em torno das questões da civilização dois princípios ganham centralidade em suas reflexões: o **princípio de prazer**,

⁵⁸ É necessário deixar claro que Freud não opera a distinção entre cultura e civilização. Em seu pensamento, ambas se articulam, se constituindo no índice de diferenciação entre o homem e os outros animais. Para maiores esclarecimentos, consultar o capítulo 4 “Às voltas com a história” In: MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

através do qual os indivíduos tentam atender integralmente a todos os seus desejos na busca pelo prazer da satisfação; e o **princípio de realidade**, no qual os instintos animais convertem-se em pulsões humanas sob a influência do meio externo, voltando-se para a manutenção da sociedade e para a continuidade da civilização. Nessa perspectiva,

o homem animal converte-se em ser humano somente através de uma transformação fundamental da sua natureza, afetando não só os anseios instintivos, mas também os “valores” instintivos – isto é os princípios que governam a consecução dos anseios (MARCUSE, 1999, p. 34 – grifo no original).

Esses “valores” instintivos a que faz alusão Marcuse (1999) são as duas lógicas de funcionamento mental anteriormente assinaladas: o princípio de prazer e o princípio de realidade. Essa mudança valorativa se dá a partir do momento em que o princípio de prazer ilimitado entra em conflito com o meio natural e humano, causando, conseqüentemente, a ascendência de uma nova lógica psíquica, ou seja, a emergência do princípio de realidade. É importante pontuar que mesmo ocorrendo esse trânsito do princípio de prazer ao princípio de realidade, o segundo não anula o primeiro, apenas substitui o prazer irrestrito pelo prazer adiado. Nas palavras de Marcuse (1999),

o princípio de realidade supera o princípio de prazer: o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido mas “garantido”. Por causa desse ganho duradouro, através da renúncia e restrição, de acordo com Freud, o princípio de realidade “salvaguarda”, mais do que “destrona”, e “modifica”, mais do que nega, o princípio de prazer (MARCUSE, 1999, p. 34-35 – grifos no original)

Diante disso, as pulsões animais do indivíduo não deixam de existir nem de se manifestar; o que ocorre é uma modificação na forma como aparecem e no modo como se realizam. Em outras palavras, ocorre um processo de sublimação das pulsões primárias humanas com vistas a “driblar” a barreira proibitiva imposta pelo superego. Esse processo ocorre porque o estabelecimento do princípio de realidade subjugua, ao regramento social, as pulsões destrutivas provenientes do princípio de prazer, tendo em vista a sua total incompatibilidade com as normas e os valores da sociedade.

O superego prevalece sobre as pulsões destrutivas porque o princípio de realidade organiza o ego humano, dotando-o de razão. O homem aprende a “problematizar” a realidade, classificando o seu contexto natural e social sob os critérios de bom e mau, feio e bonito, permitido e proibido, falso e verdadeiro, útil e prejudicial, dentre outras categorizações. O indivíduo/animal caminha, portanto, na direção do indivíduo/humano, numa transição da natureza à cultura. Desse modo, “torna-se um *sujeito* consciente, pensante, equipado para uma racionalidade que lhe é imposta de fora” (MARCUSE, 1999, p. 35 – grifo no original).

Mediante estas considerações, cabe perguntar: **como emerge, então, a civilização?**

A resposta a essa questão pode ser buscada na compreensão do processo dialético entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, conflito no qual a própria “vida pode ser concebida como palco da luta entre *Eros e Thânatos*” (MEZAN, 2006, p. 500). Em *Eros* se observa a busca por manter “acesa” a civilização, ou seja, tem-se como fundamento o fortalecimento da interação entre os indivíduos, trabalhando em favor da vida comunitária através da supressão dos desejos destrutivos dos homens. Já em *Thânatos* visualiza-se o movimento oposto, o qual consiste numa ação contra a civilização por meio da realização dos desejos animais que o princípio de realidade luta para recalcar.

[...], o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida (FREUD, 1997, p. 81-82).

No interior desse movimento dialético surge a civilização, subjugando as tendências destrutivas próprias aos indivíduos e possibilitando, desse modo, a continuidade da cultura humana. Entretanto, o processo civilizatório traz consigo uma tensão constitutiva que alimenta a dialética entre *Eros* e *Thânatos*, qual seja, ao mesmo tempo em que recalca as tendências hostis dos homens, inflama, por assim dizer, a revolta dos indivíduos contra a organização social, uma vez que esta impõe sacrifícios à estrutura pulsional daqueles por meio da moralidade que a sustenta, suscitando, dessa maneira, as suas

disposições antissociais e anticulturais pelo fato de impedi-los de obter o prazer que os seus desejos mais primários podem oferecer.

A organização social é assim uma arma de dois gumes: como mediação necessária entre a pulsão e seu objeto, ela introduz entre ambos uma distância sentida **como peso intolerável pelo indivíduo**. De modo que a vida em comum é fonte tanto de satisfações quanto de frustrações, o que implica “que a cultura tem de ser defendida contra o indivíduo, e a essa defesa respondem todos os seus mandamentos, organizações e instituições, que não visam apenas efetuar uma determinada distribuição dos bens naturais, mas também mantê-la, e inclusive defender contra os impulsos hostis dos homens os meios existentes para dominar a natureza e produzir bens⁵⁹ (MEZAN, 2006, p. 536 – grifos nossos)

Vê-se, diante disso, que, sem os mecanismos de controle utilizados pela civilização, os homens entrariam numa guerra constante, refletindo perfeitamente a ideia de Thomas Hobbes de que o homem é o lobo do homem – *Homo homini lupus est*. Assim, a formação da sociedade implica a utilização de meios coercitivos, pois, quando libertos, os homens tendem a destruí-la, por isso há o imperativo da pulsão de vida para contrapor-se à pulsão de morte, reprimindo-a.

Contudo, mesmo com todo o progresso alcançado pela sociedade moderna, o “eu primitivo” ou a pulsão de morte continua presente em nossa contemporaneidade, refletindo-se através do aparecimento de chagas na vida social, das quais as duas grandes Guerras Mundiais, bem como o Holocausto são exemplos fiéis. Percebe-se, assim, que a hostilidade dos homens contra a civilização retorna sublimada, liberada sob novas formatações, o que explicita a falha no regramento sociocultural. Apesar disso, a civilização ainda se constitui no principal veículo de controle sobre a pulsão de morte, capaz de subjugar-la à pulsão de vida, assegurando, conseqüentemente, a continuidade da aventura humana sobre a Terra. Desse modo, talvez seja possível refletir sobre a dialética presente nas teorias de Freud sempre como um processo que não permite que se fixe um momento para a origem da civilização, pois esta permanece em estado latente, manifestando-se no movimento da história dos homens e das sociedades.

⁵⁹ Freud, 1927, p. 140 (*apud* MEZAN, 2006).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato mais estreito com alguns dos escritos de Freud em torno da questão cultural propiciou a compreensão de que as suas reflexões sobre a origem da civilização repousam em seus estudos sobre a natureza pulsional dos indivíduos em um movimento dialético. Isso fica claro pelo fato de a civilização, em seu pensamento, emergir como veículo de controle às pulsões primitivas dos homens, considerados, em sua natureza, como seres dominados pelo princípio de prazer ilimitado, como também pela pulsão de morte. Esta deve ser compreendida, conforme se assinalou anteriormente, como energia destrutiva, a qual não pode nem deve ser encarada como um mero interesse pela destruição em si, mas como fonte de alívio para as tensões oriundas dos desejos mais inconscientes que se manifestam nos indivíduos.

A partir de sua visão de civilização, Freud inflama ainda mais a ferida aberta por ele mesmo, no narcisismo humano, quando reafirma a animalidade do homem e a sua ameaça imanente para a continuidade do processo civilizatório. Assim, a civilização surge impulsionada pelo princípio de realidade, o qual subjuga o princípio de prazer ilimitado, possibilitando, nesses termos, a manutenção da própria organização social humana.

Freud, enquanto pensador da cultura, contribui enormemente para o campo epistemológico das Ciências Sociais exatamente por oferecer uma compreensão, dentre outros aspectos, não dissociativa da relação indivíduo/sociedade, pontuando a dialética existente entre estas duas dimensões constitutivas da vida individual e coletiva.

Por fim, suas ideias adentram com profunda legitimidade em várias áreas do saber humano, se caracterizando como um arcabouço teórico transdisciplinar. É, portanto, um pensador clássico, tendo em vista que suas reflexões ainda se constituem em lentes por meio das quais alguns aspectos da realidade podem ser pensados e analisados criticamente.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu.

_____. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu.

_____. Totem e Tabu. In: Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira).

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.